



Gaiato

AVENÇA

Quinzenário * 20 de Dezembro de 1975 * Ano XXXII — N.º 829 — Preço 2\$50

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo * Director: Padre Luiz

Crendo e esperando

São sem dúvida horas difíceis as que vivemos. A escala mundial. Na nossa Pátria. Ao nível social e individual. Mas difíceis não quer significar, para lá dos riscos e perigos inerentes, intransponíveis e ausentes de valores. É que, para lá da neblina que nos parece impedir a esperança de dias mais felizes, já se vislumbra, apesar de tudo, a aurora radio-sa dum mundo mais belo e harmonioso, onde a justiça faça escalada e onde os homens se sintam mais homens, irmãos uns dos outros.

«Façamos todos um acto de fé na grandeza do homem, obra prima das mãos do seu

Criador», escreveu Pai Américo em 1952. Perfilhamos como nossas estas palavras. Queremos acreditar no homem e na expressão das suas potencialidades para o bem. Da luta a peito descoberto não há que temer e mal dos ideais e das doutrinas que vivem a coberto da força física ou de sofismas e de artimanhas. Acreditamos no homem porque, ainda como escreveu Pai Américo, «o nosso Deus é Homem verdadeiro» e «o Mistério da Incarnação transparece e realiza toda a obra humana».

Está mais um ano a terminar que não vai deixar muitas saudades à maioria das pessoas, pelo menos na Terra portuguesa. É na luta, porém, que se temperam as almas. O refastelamento e a instalação no mundo, contando só com os valores materiais, o gozo e o prazer, o egoísmo e o esquecimento dos outros, podem considerar-se como causas fundamentais das desgraças havidas. Há que redobrar a vigilância, no sentido a que insistentemente se refere a liturgia do Advento. Há que abrir caminhos para que o «vinde Senhor» da época litúrgica antecedente ao Natal se torne uma

realidade. E esta sê-lo-á na medida em que todos nos empenharmos. Vitórias sem luta não têm sabor. Mais trabalho; mais verdade nas atitudes e nas palavras; maior sentido de justiça e de fraternidade, na vida concreta e real; tornarão a vida mais apetecível e atrairão as bênçãos d'Aquele que não nos salva sem nós o queremos.

Ousamos ter esperança em melhores dias e num mundo mais fraterno e alegre. O tempo em que vivemos não se compadece com a tibieza e a hipocrisia. Por isso tenhamos a coragem de enfrentar as intempéries verticalmente, de cara levantada, conscientes das nossas obrigações e sem sofismas de qualquer espécie. Valorizemos os sofrimentos ou os sacrifícios, colocando-os na sua verdadeira perspectiva. De mãos dadas aos outros homens, respeitando-os e amando-os, humildemente aos pés do Criador, de Quem todo o bem flui, teremos encontrado a nossa «grandeza» e contribuído para que o mistério da Incarnação transpareça e realize toda a obra humana.

Cont. na QUARTA pág.

AQUI, LISBOA!

Ano novo, vida nova. Vida que todos querem viver, livres. Livres no ser e no agir. Liberdade que se constroi ou se destroi, consoante queremos que os outros homens o sejam, ou lhes impomos como o sejam.

Para que os homens sejam Homens impõe-se desde já olhar o homem que vai ser a criança e dar-lhe condições mínimas para o ser.

Tenho notado nestes meses de revolução que os homens pedem tudo o que é justo, em seu entender, para que os seus tenham tudo que eles não tiveram e, assim, dar-lhes condições de serem homens amanhã.

Tudo muito certo e, ao mesmo tempo, muito duvidoso.

Certo para os que têm pais que reivindicam os direitos que os filhos merecem; duvidoso porque, nesta linha que vê os seus e esquece os outros, a distância entre os homens aumenta; e quanto mais uns conseguem e crescem, outros, os que não têm quem lute pelos seus direitos, mais desumanizados ficam. Se estes fossem excepção, pois ainda se teria de aceitar... Mas, como são legiões, nem tudo está bem.

Porque creio que todos os homens de boa vontade querem que tudo esteja bem, é que me permito dizer-lhes que a vida nova que querem para nós tem primeiro de passar pela que devemos uns aos outros e estes — quanto mais humildes, desfavorecidos e esquecidos — são os que devem estar em primeiro lugar. Aqui o cerne duma revolução que o queira ser em plenitude.

Daqui a minha angústia ao longo da nossa Revolução! Daqui a minha esperança no apelo para que o estado de espírito dos

Cont. na QUARTA página

As nossas edições

● «O LODO E AS ESTRELAS»

A opinião dos Leitores sobre «O LODO E AS ESTRELAS» está na razão directa da sua procura. Que mundo de cartas e postais sobre a nossa mesa de trabalho!

Não há dúvida, repetimos, seria contraproducente silenciar esta avalanche que serve de aperitivo a quantos desejam partilhar da Mensagem que Padre Telmo lança aos homens de boa vontade.

Aí vai Porto:

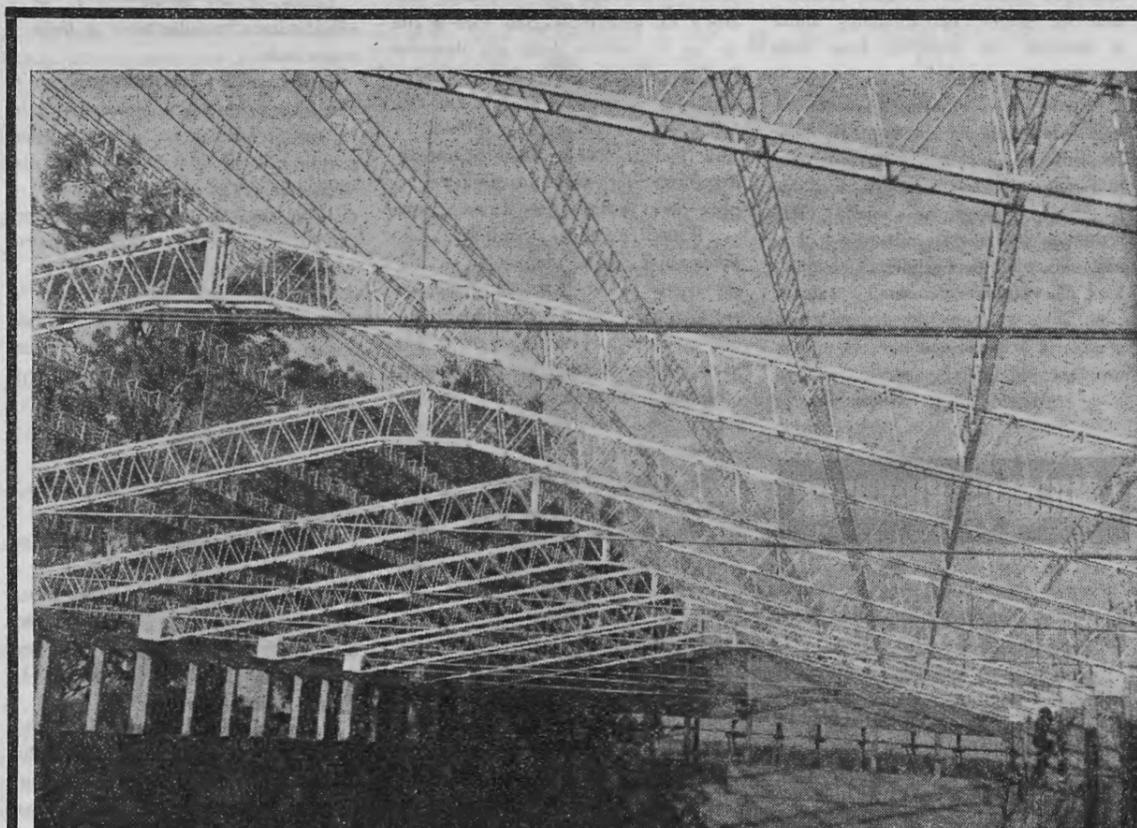
«Recebi «O LODO E AS ESTRELAS». Veio mesmo na hora H. Quando nos sentimos abalados e infelizes, caem do Céu estes livros para nos mostrar que há sempre quem sofra mais do que nós. Bem haja o Padre Telmo, que até do Lodo faz renascer a grandeza de Deus.

Eu sou muito ignorante, mas admiro todos aqueles que dão glória a Deus; e por mais que se diga é pouco para falar de um Deus tão maravilhoso...»

Caldas da Rainha:

«(...) Não tem desculpa este atraso! Recebi há tanto tempo o precioso livro «O LODO E AS ESTRELAS», que li com

Cont. na TERCEIRA pág.



Armação da serralharia da Casa do Gaiato de Lourenço Marques

Lourenço Marques

Seus marotos da tipografia. A laracha que vai junta não é para vir no jornal (somos de opinião que sim!), pois contradiz o espírito desta lista indecente de pessoas que se foram daqui e nem adeus disseram. Tantos deixando cá o seu dinheiro e nunca satisfizeram a assinatura do «Famoso».

Sinto-me feliz por estar a trabalhar num País novo e os nossos Rapazes estarem a corresponder bastante bem. Mas ao mesmo tempo com um espinho atravessado pelo receio de desconfiança que possam ter do nosso traba-

Cont. na TERCEIRA pág.

PELAS BASES DO GALATO

Paço de Sousa

NATAL — Aproxima-se o Natal e, com ele, a alegria desperta em nossos corações que se preparam para o grande dia da celebração do nascimento do Senhor.

Para mim, o Natal é uma festa muito agradável, a mais agradável do ano. E para quem não é?

Muitos de nós bem desejaríamos ir passar o Natal junto da nossa família, mas não iremos; e está bem, pois nós também somos uma grande Família!...

Só no Ano Novo é que há excepção.

Estou certo de que os leitores não nos esquecem com as suas cartas a desejar-nos que passemos um Feliz Natal. Retribuímos com amizade.

FUTEBOL — Ultimamente tem-se jogado futebol à brava!

Ainda no domingo — dia 30 do mês de Novembro — o nosso grupo se defrontou com o «Café Novo Rumo» que nos ganhou por 4-3.

Ao intervalo ganhávamos por 3-0. Na segunda parte o «Café Novo Rumo» deu-nos a derrota!

Ai a nossa equipa! Vamos animar e fazer mais ginástica.

Talvez a equipa não tenha culpa, ou até seja das bolas; mas se for isso não é grande problema. Se os leitores nos ajudarem a melhorar isto!...

Mandem-nos uma bola (ou mais) porque senão a nossa equipa não pode alcançar o cimo da tabela! Obrigados!

VISITANTES — Nestes últimos dias, nem por estar a chover, temos recebido visitantes.

Mas, estou duvidoso que a partir do Natal nos apareçam tentos visitantes como agora temos tido. É que a chuva, o frio e até o Natal os impede de nos visitarem.

No dia 30 de Novembro, tivemos bastantes visitantes. Chovia, mas pelo facto de chover esses nossos Amigos não nos deixaram de visitar.

Venham sempre! Cá vos esperamos. Feliz Natal para os leitores.

«Marcelino»

LAR DE LISBOA

A ESCOLA — Especialmente para os Amigos lisboetas tenho a comunicar que volta a estar aberto o nosso Lar na capital.

Por várias vezes, depois de nos havermos aqui instalado, vimo-nos obrigados a voltar para o Tojal por não se justificar a nossa permanência.

Os motivos foram as constantes alterações do começo das aulas. Em Outubro sucederam-se os dias sem que estas chegassem a abrir. Em Novembro foram abrindo mas com muitas deficiências de gestão ou de falta de docentes.

Enquanto isso, são de registar algumas críticas feitas em papel próprio e com caligrafia apurada, expostas ao público nos corredores das escolas.

Argumentam os seus autores que a escola é um centro de divulgação da ideologia burguesa e um meio elitista. Pretendem paralisar essa mesma escola que, tendo certamente muitos erros e lacunas, é a única existente.

Que definição de escola têm esses grupos activistas que só apelam para a destruição e inação estudantil?

Entendem por bem, também eu, a necessidade de se operar uma revolução na educação. As influências em massa de novos alunos às escolas, liceus e universidades, as mudanças bruscas e sem antecedentes nas matérias e técnicas didáticas não representam outra coisa senão isso.

Será paralisando e destruindo todo o aparelho escolar que se cria uma nova escola, pronta a servir os interesses das amplas massas trabalhadoras do nosso País? Não será bem mais fácil construir a escola que se pretende, trabalhando nesta, indo anulando os seus erros e preenchendo as suas lacunas? Lentamente, sim; mas com a segurança de quem trabalha com os olhos no futuro.

A destruição total da escola implicaria, então, um esforço sobre-humano de reconstrução... Vamos utilizar o sistema existente e pô-lo a funcionar para as amplas massas trabalhadoras embora com as precariedades dum sistema voltado para um pequeno extracto da população.

Todos nós sabemos que o País não está economicamente à altura de assumir as modificações materiais e estruturais que porventura gostaríamos de ver. As exigências de carácter material vão para além das necessidades primárias mais elementares ao ponto de se exigir que se tire de um cofre o que nele não se pôs, ignorando a capacidade de resposta do País.

Trabalhem, portanto, dentro da escola, alterando-a conforme as possibilidades de satisfação das exigências por parte do Estado. Lembremos os muitos Trabalhadores ainda a viverem em situações bem mais precárias do que nós!

Não se pode, todavia, discordar da necessidade que há em construir escolas onde não existem. Temos de clamar por uma escola aberta a todos os níveis, indo até às camadas mais afastadas dos meios culturais e menos bafejados pela riqueza nacional. Mas não façamos demasiadas exigências materiais nos locais onde as escolas já existem, embora com muitas lacunas!

Jorge Cruz

LOURENÇO MARQUES

Nasceu um menino que se passou a chamar, depois de baptizado, José Maria.

Cresceu esse menino, fez-se um rapazinho. Continuou a crescer e fez-se um rapaz. Depois fez-se homem; e depois padre. E assim todos nós o conhecemos como sr. Padre José Maria. Para ele, ser só padre não chegou! Tinha nascido para mais fins que lhe enchessem o coração. Tornou-se padre da Obra da Rua.

O que é a Obra da Rua? E a que foi destinada?

Responda o Tadeu, «Aspirina», «Manga», «Cebola», «Nabo»; o Zé-quinha, o João, o cozinheiro, o Coluna, o Jorge, o Jaimito e todos os mais que se fizeram filhos do sr. Padre José Maria, por se encontrarem na Casa do Pai Zé Maria. Ou não é? Quem se tem preocupado com a nossa educação, alimentação e todas as nossas necessidades? Quem nos tem servido de Pai?

Se assim é temos que o respeitar como Pai. Temos no dia de hoje — 27 de Novembro — o dia do seu aniversário, que lhe desejar de todo o coração, com alegria, e só nós os filhos estamos à altura de lho podermos dar, um bem-haja cheio de amor para o nosso Pai.

Perdoai-nos, Pai, as nossas maldades; somos rapazes. E dizem que não há rapazes maus. Deve ser verdade!... Porque só nos zangamos com o sr. Padre Zé se não nos deixar ir à praia ou ao cinema. As nossas brincadeiras, próprias das nossas idades. Tem que perdoar tantas horas amargas e difíceis que por nossa causa tem sofrido. Quem é o Pai que não tem horas difíceis?

Cá vão do nosso coração os sinceros e bons desejos que este dia se repita com alegria, para assim termos a ventura de termos Pai para nos ajudar e criar.

Francisco Simbine

CALVÁRIO

NOVEMBRO... — Quando vos escrevo estes apontamentos ainda estou a lembrar os dias 1 e 2 de Novembro. Não se passaram muitos dias. Nesse primeiro dia dei uma volta pelas redondezas do Calvário. Fui até a um cemitério. Não com o fim de me ir lembrar mais ali, daqueles Irmãos que lá se encontram sepultados. Mas como hoje se fala em evolução, gostava de ver algo diferente... para melhor. Nada disso aconteceu. Acreditem ou não, eu fiquei com pena dos jardins que ficaram sem as flores. Pois os cemitérios não precisam de ficar atapetados de flores como eu vi. E mais ainda, ao entrar numa Igreja, ver tanta gente que assistia a uma Missa mas não participada. Porque se tal acontecesse eu acreditava que não era por receio, nem sei de quê que essas pessoas, ao meu redor, ali estavam! Tanto se fala em evolução... Quando será que as pessoas, como aquelas referidas, vão às igrejas só por irem?

Um exemplo: Na hora apropriada o sacerdote convida todos os presentes a uma maior fraternidade, exemplificando, naquela celebração Eucarística, com o «abraço da Paz». Apenas uma pessoa se moveu convidando outra para tal. Nem o toque discreto conseguiu efeito.

Não o fiz..., mas gostaria de noutra ocasião dar outro abraço àquele Irmão que não desarmou indo abraçar uma criança que ficou admirada com o gesto.

Parece que não, mas há uma certa relação com outro aspecto que vou focar, passado no dia seguinte:

Esteve connosco, cerca de 3 anos. Era uma pessoa que teve uma vida como tantas outras que conhecemos. Viveu razoavelmente com pequeno negócio. Depois, caiu de tal forma que veio para aqui. Procurou sempre um viver fora das realidades. Chamavam-lhe a atenção para as possibilidades que teria em ajudar os que menos podiam. Mas, enfim..., nada se conseguiu.

Quem o via dizia o contrário! Porque o seu proceder enganava. Mas resolveu deixar tudo isto sem qualquer razão que tal justificasse. Apenas foi a consequência de querer ser independente, à sua maneira, embora esteja numa idade e estado físico que o fizesse reflectir.

Ora bem. É neste aspecto que eu queria chegar: pôr flores nas campas dos mortos, tem valor? Ir à Missa apenas para fazer número em dia que a muitos lembra os «seus» mortos e a poucos lembra o significado verdadeiro de tais actos? Não será apenas para não parecer mal... ou outra coisa? É muito difícil ajuizar. Mas o que não é menos verdade é o facto de querermos ser à frente das pessoas uma coisa, quando na verdade somos pecadores e merecemos estes «pontapés» d'Ele para acordarmos!

Os dias 1 e 2 de Novembro estão na minha mente!

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O COTÃO — Temos de ser arrojados! E, se o não fôramos, enterrariamos o pequenino luzeiro de fé que nos alumia.

Temos de ser arrojados! E, se o não fôramos, estudaríamos a lição e pouco mais.

Temos de ser arrojados! E, se o não fôramos, o pobre Jornaleiro doente, que referimos na última edição, e cujo filho Deus acaba de levar em circunstâncias dolorosas, vegetariana e resto do Inverno mais ou menos abaracado no seu frigorífico/frigideira.

Temos de ser arrojados! E, se o não fôramos, estremeríamos com a regularização de contas que o nosso homem das massas vai fazer, qual pequena Fortuna de pequeninas migalhas recebidas diariamente e que são Fogo que abraza o mais incrédulo!

— Ai! os encargos que nós temos!, adverte o tesoureiro.

— Temos de ser arrojados, meu caro; arrojados!

Ele foi dar a volta, sufocado. Fazer contas do Porto pela mercearia, etc. E, depois, mostra o cotão; a nossa fonte de investimento, contrária às leis que regem a Economia.

Sim; quanto mais e melhor distribuímos e nos dedicarmos aos Pobres, sem barulho nem palavras d'ordem, numa acção discreta, persistente, coerente, o Senhor lá está pra botar a mão, pra despejar bolsos.

Acreditamos!

UMA LIÇÃO — Ele e ela estavam em casa. Debulhados. «Foi uma tragédia!...»

Confortámos. É a nossa missão, confortar objectivamente: «Agora, vamos cuidar dos vivos — que o menino já está no Céu».

— Eu arrumava as batatas, ali em cima, e o menino ajudava. Subiu por aqui, caiu e ela gritou...

— Foi um lanho no lábio — intervém a mulher, debilitada. Senta-se na caixa à beira da lareira e curte a dor em silêncio.

O homem, mais emotivo, lacrimeja: — Foi aqui; e aponta para o chão.

— Foi assim!..., torna ela em voz baixa, de olhos no chão.

Entretanto, o pequenito faleceu no Porto — para onde havia seguido em perigo de vida. Mas o sentimento dos pais, aliado ao dos padrinhos, trasladam o menino para a sua terra.

— Cinco contos! Os padrinhos responsabilizaram-se. Pagaram. E quer ver? Vimos o depois a saber dum peditório feito por almas boas que percorreram a freguesia. Olhe q'eu mandei avisar toda a gente da morte do menino; toda a gente. Amigos e inimigos.

Que grande lição! O testemunho deste homem fez abanar as paredes desconjuntadas do seu frigorífico/frigideira; e todos quantos recebemos a sua mensagem cristã. «Mandei avisar toda a gente da morte do menino; toda a gente. Amigos e inimigos!»

Pai Américo não se cansava de dizer e de testemunhar como os Pobres são mestres.

Carpidas as dores, entrámos no problema da moradia:

— Então, quando é que o carpinteiro principia a obra?

— A madeira já está serrada. Ele não tarda, não senhor. É um home sério.

— A obra não pode tardar. Vocês, aqui, assim com este frio, é como se vivessem lá fora!

— É verdade! Quer ver? Em baixo, no soalho, há uma caixa d'ar. Nas pontas das tábuas, frestas. Como não há tecto, o telhado é aberto. De maneira que de noute, pra suster o frio, aço um cobertor entre a cama e a parede (pedra nua!). Uma miséria! Já lhe disse: comecei a casa com oitocentos mil réis. Não posso mais...

— Onde mora o carpinteiro?

— Aqui perto.

— E se fôssemos já lá os dois?

— Pois então. Vou só mudar a camisa e vestir o casaco do domingo pra mor d'ir a uma reunião da Casa do Povo e passamos por lá. Não acha que devo ir à reunião?

— A todas. É uma obrigação. E se precisar de falar diga o que tiver a dizer sem papas na língua.

Preparou-se. Revelou uma ofenta de roupas, tão boas!

— Então vamos lá. O carpinteiro fica a caminho.

Do que nós necessitamos

Presenças várias, do Fundão. Cem, mais cem da Calçada da Estrela. Ass. 16264, com 330\$, por duas vezes. Silves com 100\$. De António José Fernandes, 500\$. Da Rua António Cardoso, cheque de 2.000\$. Dum aumento de ordenado, 250\$. De «um desconhecido», assim se intitula este Amigo, 50\$. De Lisboa, 500\$, fruto de economias. Vinte rands do Transvaal, duma nossa assinante. Da capital, 100\$. «Duas filhas, que agradecem uma oração por alma de sua Mãe», com 1.000\$, percentagens dos subsídios de férias. Da Amadora, a mensalidade habitual, em selos do correio.

«Uma Mãe doente», com 500\$. E rápidas melhoras. Mais 5.000\$ de Tondela. De Valadares, 1.560\$. De José e Clara Flores, 70\$. Por alma de Alexandrina, 10\$. «Obra de Deus — para os Pobres», com duas presenças de 50\$. Por alma de

Gil José Francisco do Rio, 4.000\$. De Avintes, 130\$. Por intenção de Júlia Carneiro e Helena Rodrigues, 500\$. Ass. 3254, com 2.000\$. Amigo de Lisboa, com 100\$. E mais 2.000\$ entregues pela mãe do «Fidalgo», duma senhora de Lisboa. Da Figueira da Foz, dum amigo de Jesus, 100\$. Por alma de Francisco d'Almeida, 100\$. De Gaia, 50\$. De mais um aumento de ordenado, 1.000\$. Assinante de Espinho, com 500\$. Dum grupo de Professores, de Paredes, em visita durante o curso de reciclagem, 2.000\$. «Avó de Santarém», com 100\$. E as migalhinhas que os filhos dum nosso assinante pouparam, 93\$50. E que saborosas!

Coisas várias de Portalegre. 500\$ e roupas de visitantes. Assinante 30576, com 2.000\$. Do Monte Estoril, 50\$. Da Covilhã, 500\$. De Leiria, 100\$,

pedindo uma oração pelo bom resultado da nova profissão iniciada em 1 de Outubro. Pois que o Senhor a ajude. Anónimo com 100\$. Assinante de Rio Tinto, com 300\$. Cheque de 500\$, de Lisboa. De uma graça concedida pelo Pai Américo e pelas mãos da Maria Adelaide, do Zé «Baleia», 400\$. De Águas Santas, por uma promessa, 1.000\$. De Castelo Mendo, 100\$. E «uma lembrança de 2.000\$, para as maiores necessidades». Da Farmácia Central de Amarante, 150\$. Roupas carregadas de ternura, como sempre, de «Uma Mãe alentejana».

«Foi-me aumentado o ordenado. Não preciso dele todo. Ai vão 1.000\$, para vos ajudar um nadinha nesta hora em que as vossas dificuldades ainda subiram mais.» Veio de Viseu, esta ajuda. Bem haja, M. Glória. E 70\$, achados nos sanitários duma empresa da Rua do Bolhão. Por alma de Eduardo José, 250\$. Assinante do Canadá, com cheque de 20 dólares. Ass. 8202, com 500\$. Por alma de Ana da Conceição, 50\$. Por uma intenção íntima, 100\$ do Porto. Em memória de dois entes queridos,

200\$. Anónimo com cheque de 1.500\$. Para vários fins, 400\$ de «um tripeiro». Fernanda com 50\$. «Amiga do Henrique Manuel», com 307\$50. Ainda duma prima da mesma pessoa, 1.000\$. De uma promessa, 50\$ de Alges. Por duas vezes 100\$, de Murça. Um lote estupendo de 29 sobretudos novos, vindos das Confecções Gentleman. Avós de Sintra, com duas presenças de 150\$.

Um cheque de 10.000\$, da firma Franqueiro & Gameira, Lda. Migalha de 100\$, do Porto. De Leiria, duma subscrição entre professores, 178\$. Mais 1.000\$ da Covilhã. Ass. 22578, com 1.600\$. Um fato de Lisboa. 2.000\$ de algures. 50\$ e «um beijinho para todas as crianças». 500\$ de Angeja, de quem se interessa pela situação das nossas Casas em África. «Pedindo uma oração, pelo aniversário do falecimento de minha segunda Mãe», 100\$. Do Porto, 100\$. Dum operário pintor reformado, igual quantia. Uma libra em ouro, do nosso Joaquim Bonifácio, para a compra dum saco de batatas.

Da Ass. 25151, da venda de papel velho, 100\$. Por inter-

médio desta mesma senhora, 170\$ de Maria Beatriz, por uma graça recebida. «Migalhas de um peditário, entre pessoas amigas», somaram 85\$. Berta e Jorge com 100\$. Duma senhora da Direcção Escolar do Porto, 100\$. Velha assinante de Monte Estoril, presente todos os meses, com os habituais 100\$. Avó de Coimbra, pela graça recebida por um neto, 100\$. «Recordando o dia 6 de Novembro de 1931», retalhos preciosos vindos de Bairro-Minho. É de todos os anos esta oferta. Mais cheque de 10.000\$, pelas melhoras de Ana Rosa. Vale de 433\$, de Funcionários da Dir. Geral da Marinha Mercante. «A promessa que a minha gratidão não esquece», com 100\$ por duas vezes. Da «Mãe que cre em Deus», vale de 600\$. Mais 40\$ de 8 empregados do Tráfego dos T.L.P. «É pouquinho, mas dado de boa vontade». Obrigado.

«Duas gaiatas recém-formadas enviam em vale de correio 600\$. Pedem e agradecem, ao mesmo tempo, uma oração, para que Deus as ajude a iniciarem a sua carreira com bases na Paz, no Amor e na Justiça».

Pois que assim seja, são os nossos votos.

Manuel Pinto

Durante a viagem tece mais um hino de louvor ao bando precatório, em benefício da transladação do filho.

— Quem havia de dizer!

Afinal o carpinteiro é mais um Auto-Construtor! Estava precisamente ocupado em pequenas obras de acabamento da sua moradia, principia-da há quatro anos.

— Tem custado os olhos da cara!, diz a mulher. E ainda o que nos falta, meu Deus!!, exclama em voz alta.

A família, com a ajuda de pessoa amiga, preparava vigas de betão.

Falámos. Não precisámos de insistir. A resposta foi rápida:

— Vou começar o trabalho, seim falta, na próxima sexta-feira, dia 28. Estejam descansados.

Intervém o interessado:

— Eu também ajudo o que puder. Deixo tudo e boto a mão.

Quando a notícia chegar a vossas casas há mais uma família deste País resguardada do frio. São 8.550\$00.

«OUTRA VIDA!...» — Naquele domingueiro peregrinar, demos um salto ao Trabalhador inválido que, não fosse o esforço heróico da mulher — até lhes darmos a mão — e seria uma miséria muito grande.

O ganho dela, agora somado à nossa partilha mensal de, pelo menos, mil escudos, dão ao casal o mínimo indispensável de subsistência.

O Doente, mal nos topa, vem ao nosso encontro, agarrado à bengala, a cambalear. E dá-nos um abraço eufórico. «Ó! Ó! Ó!»

Aponta para o fato que os nossos Amigos lhe deram. Mostra uma alegria esufiante.

— Agora a vossa cara já é outra! Pouco expansiva, a mulher revela um sorriso que dantes não tinha; uma satisfação d'alma pela partilha dos nossos Leitores.

— Agora é outra vida!...

Não fossem outros, noutros lados, à nossa espera, ficaríamos por ali mais tempo a saborear, digamos, no silêncio daquele templo, mais esta ressurreição.

PARTILHA — A nota de abertura pertence a «Uma Assinante do Seixal» — tão perseverante nesta precissão!:

«Com a fraternidade que nos une, os 600\$00 da minha partilha mensal e que Cristo nos ajude a ver como era claro, quando nos ensinou o Pai-Nosso, e disse «dai-nos o pão de cada dia», pois se tivermos mais, é porque falta a outros.»

Cristo vai na barca! E quanto mais contestado, mais vivo, mais actual, mais nosso, porque Ele é eterno — a Eternidade.

Os grandes fracassos ou derrotas dos cristãos — eu, tu, ele, nós, vós, eles — residem aqui, na escuridão em que envolvemos o Pai-Nosso. Se ele fosse uma constante em todo o lado, não seria outro mundo, mas um Mundo Melhor, onde a Justiça e a Paz emergiriam com as dificuldades do pecado original, é certo, mas sem exploradores nem explorados como agora se diz.

De Lisboa, «com muita amizade», chega «um pequeno auxílio de 20\$00». Migalhas. Grandes Fortunas elas representam! Estes 20\$00 e o mais que para aí vai, representam muito mais do que os empórios dos Rockfellers & C.ª Lda.

Mais uma delicadíssima presença de Faro. Chegou tudo em ordem. Obrigado.

Alto lá! De S. João da Pesqueira, com data de 18 de Novembro, dizem com oportunidade:

«Junto mais 50\$00 para a Confe-rencia para ajuda da Consoada a distribuir pelos Pobres...»

Um sufrágio, de Gaia, «por alma de minha Mãe»: outra migalha.

Newark, América dos dólares: Maria envia um cheque de 20 deles e assina «Irmã em Cristo».

Por fim, 100\$00 de Laura e 200\$00 do Estoril.

Muito obrigado.

ÚLTIMA HORA — Quando fechávamos esta edição, o Senhor nosso Deus abanou vários cristãos e homens de boa vontade, que vieram ao nosso encontro para arrumarmos completamente a obra do pobre Jornaleiro doente. Eis a melhor mensagem de Natal!

Júlio Mendes

As nossas edições

Cont. da PRIMEIRA pág.

tanta avidez, e não tive pressa em vos agradecer!

Não conhecia o estilo do Padre Telmo. Fiquei entusiasmado com a sua maneira poética de nos contar as pequenas-grandes coisas do dia-a-dia...»

Figueira de Castelo Rodrigo:

«Já li, reli e ofereci o revolucionário livro «O LODO E AS ESTRELAS», mas ainda não me cansei de apreciar e sentir a sua Doutrina. Peço o favor de me enviarem mais dois exemplares...»

Outra vez Porto:

«(...) Felicito o Padre Telmo pelo género de que se socorreu:

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA pág.

lho não ser motivado por um espírito meramente humanitário mas puramente por espírito de Fé. O trabalho é muito e fazem-me imensa falta sobretudo o Amériquito e a Trindade. A falta do Júlio Coelho é atenuada pelo Jaimito agora em férias e curso quase concluído.

um apontar de problemas, profundos, na maior simplicidade. Chocam pelo rectilíneo com que põe à consideração dos leitores situações concretas, bem reais.

«Livro de meditação que há-de ser lido não de um fôlego mas aos poucos para que possa calar bem fundo, sem nada se perder...»

● PÃO DOS POBRES

A máquina já imprime a 4.ª edição do primeiro volume do «PÃO DOS POBRES»!

A discreta referência, que publicámos recentemente, gerou, logo, uma assinalável procura! Diz, por exemplo, um leitor de

Está a começar o Verão e daqui por um mês estamos a pensar tirar férias na praia, quando vocês aí já batem o dente com frio.

Não tenho notícias de ninguém daí. É natural que todos estejam como nós, preocupados com os de Angola cuja sorte se adivinha pouco risonha.

A vós aí, aos de Angola e a nós, que o Senhor nos proteja.

A todos, a começar pelos mais responsáveis da tipografia, até aos dobradores de «O Gaiato», o nosso abraço amigo e saudoso.

13/11/75 P.e José Maria

Coimbra, lugar onde Pai Américo escreveu a obra — com sangue de Pobres — nas mansardas e antros miseráveis da cidade dos doutores:

«Como está para sair a reedição do 1.º volume do PÃO DOS POBRES», conto recebê-lo logo que apareça. É o único que me falta das obras do Padre Américo.»

O problema da tiragem deu muito que coçar! Em princípio, não desejaríamos enviar livros a quem já os tiver. De modo que, após uma série de achegas, optámos definitivamente por uma tiragem de 6.000 e por uma solução trabalhosa: revisão cuidada e comparada do velho e novo ficheiros. Apesar de tudo, irá aparecer uma insignificante minoria de leitores possuidora da 1.ª e 2.ª edições (Gráfica de Coimbra) e 3.ª edição (nossa), adquiridas em venda avulsa. Na altura própria, se a obra bater à porta destes Amigos (pela Páscoa, quem dera!), desculpai o lapso. O certo é que não poderíamos gastar à volta de dez contos numa prospecção e, por cima, sacrificar 4.000 Assinantes.

Júlio Mendes

TRANSPORTADO NOS AVIOES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



LINÓLEO: «FAISCA»/BERNARDINO

Mensagem do Natal: Paz aos homens de boa vontade.

Campanha de Assinaturas

A Campanha teve a colaboração de mais um pequeno vendedor de «O GAIATO» — o «Salazar» — com estupendos resultados.

Chegou ofegante. «Trago 42 novos Assinantes!» Afinal, eram 50.

— Mostra cá; donde são?

— Da Fábrica de Valadares.

Os olhos do rapaz até riam, com os papéis na mão. Todo ele se desfazia!

— Andaram por lá comigo e foi uma farturinha!

Temperamentalmente irrequieto, virou costas sem dizer mais quê, abraçado a um grupo deles.

Hoje, atendemos uma chamada da Telefónica da Batalha (Porto). E, além do mais, viemos a saber que o «Salazar» também andou por lá!

— Levou daqui uma data de Assinantes novos.

Compulsámos depois, atentamente, o resultado da peregrinação do rapaz. E encontramos, realmente, no meio dos papéis, uma lista com Telefonistas da Batalha (Porto); onde, aliás, como na Fábrica de Valadares, desde sempre contamos com bom número de Amigos.

Precisamente nesta quinzena — e por feliz coincidência — mais alguns Leitores-avulso despertaram seriamente para a necessidade de se inscreverem como Assinantes, no caso de não toparem assiduamente os

pequenos vendedores. Temos, pelo menos, duas expressivas legendas que não poderão ficar «debaixo do alqueire».

Alenquer:

«Quando residia em Lisboa comprava sempre «O GAIATO». Agora, quando por lá vou, compro-o sempre, mas nem sempre acertamos, o que me mete muita pena e saudade. Pedilhe, pois, por isso, o favor de uma assinatura anual de «O GAIATO» e um livro «O LODO E AS ESTRELAS»...»

Coimbra:

«(...) Agradeço me enviem mais dois exemplares de «O LODO E AS ESTRELAS» e me considerem assinante de «O GAIATO», pois, comprando-o avulso, como agora faço, «perco» muitos números.»

A colheita do «Salazar» registou novos Assinantes do Porto, Valadares, V. N. Gaia, Ermesinde e Vilar do Paraíso. Pelo correio, mais Espinho, Vila Flor, Vila Nova de Ourém, Rio Tinto, Barreiro, Oliveira de Azemeis, Santarém, Valongo, Avô, Cardanha (Moncorvo), S. João de Ver e, por fim, saltamos para Lourenço Marques!

Júlio Mendes

ORDINS

Desta vez o meu silêncio passou das marcas, do que peço desculpa aos nossos amigos que, apesar de tudo, não têm faltado com os seus donativos, embora poucos, mas principalmente com o seu apoio encorajador e amigo.

O Natal aproxima-se; e eu não quero deixar passar esta quadra festiva sem manifestar, de todo o coração, os votos de Santas Festas e de muitas

e muitas felicidades temporais e espirituais, não só aos nossos amigos mas a todos os leitores de «O Gaiato», esse grande revolucionário, pois onde ele entra e é lido com atenção, não deixa as consciências em paz, enquanto não nos voltarmos com mais amor e carinho para o nosso Próximo.

Os nossos trabalhos lá vão correndo o País e se mais não vão é por falta de quem trabalhe. Graças a Deus, encomendas não têm faltado!

Um muito obrigado a todos.

Maria Augusta

NATAL

Mensagem do Natal: PAZ AOS HOMENS DE BOA VONTADE.

Precisamos todos de enriquecer a nossa boa-vontade para que seja possível a Paz. Porque a verdadeira Paz é necessária, é construtiva, é meio de evolução do Homem, é revolucionária, é sinal de Deus.

Sabemos todos da força negativa da confusão. Sabemos o que ela tem de destrutivo... Por isso, há necessidade de lutar para acabar com ela, a fim de caminhar solidamente para um futuro melhor.

Tenho verificado que a vivência do Natal toca a quase totalidade dos homens, talvez porque a Sua mensagem é desejada por todos, apesar de poucos a saberem realizar. Talvez porque todos os homens transportam dentro de si um desejo de Bem, apesar de muitos esse desejo estar amolgado, atrofiado, por vezes mesmo aparentemente morto pelo turbilhão da vida. E é pena, porque o homem só se realiza em plenitude através do Amor, atravessando a vida a procurar realizar os seus dons, na construção do entendimento, da harmonia e da Paz.

Cristo veio há dois mil anos trazer a receita; a Sua Mensagem foi espalhada, mas os homens têm dificuldade em A

assimilar, em A viver. É bom tomarmos consciência dessa dificuldade para motivar não o desânimo, mas a luta constante nesse sentido. Vale a pena esse esforço, porque o que Cristo nos disse tem valor eterno e não perde no confronto com qualquer outra doutrina nascida do homem.

Têm tido os portugueses oportunidade de procurar novos caminhos. Procura que tem sido difícil, turbulenta, por vezes quase caótica. Se as dificuldades que têm surgido servissem de lição, poderíamos acreditar que através delas os homens descobririam que a entrelaçada não se torna efectiva sem o respeito profundo pelos Outros.

Que a recordação do nascimento de Cristo, na humildade de uma gruta, ajude os homens de 1975 a redescobrir o verdadeiro Amor.

● Aproveitamos esta oportunidade para levar a todos os nossos Amigos os votos de Santo Natal vivido na profunda Paz daqueles que se empenham em descobrir o sentido dos Outros. Agradecemos todas as vossas ajudas para o cumprimento da nossa missão.

Padre Abel

Crendo e esperando

Cont. da PRIMEIRA pág.

Ao terminarmos este nosso escrito, testemunho de fé e de esperança, não queremos deixar de recordar nesta quadra todos aqueles que sofrem na sua carne ou no seu espírito, sem distinção ou discriminação de qualquer espécie. A nossa mente ocorrem os sem abrigo ou sem pão; os abandonados e os doentes; crianças e os velhos sem amparo ou sem carinho; as vítimas dos ódios ou das prepotências e os perseguidos; os presos e, particularmente, aqueles detidos sem culpa formada ou sem nunca serem ouvidos; os desalojados das suas Terras e os

espoliados dos seus direitos; as vítimas das guerras; em suma, todos os aflitos e atribulados. Que o bafo do Natal não lhes faça perder a fé e a esperança e que o sentido de justiça se torne vivo naqueles de quem dependerá, pelo menos em grande escala, a sua sorte. E que a Paz seja com todos os homens, aquela Paz que tem como verdadeiro substrato as «armas morais» e «que se impõe através da paz, daquela paz nunca separada dos deveres da justiça, mas alimentada do sacrifício de si-próprio, pela clemência, pela misericórdia e pela caridade». (Da mensagem de Paulo VI para o próximo dia 1 de Janeiro de 1976).



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA pág.

homens, nesta quadra natalícia, seja o esforço revolucionário de cada um de nós ao longo do ano, para darmos aos nossos Irmãos as condições de construir e, por isso, revolucionar uma nova sociedade, para eles serem e terem um pouco mais, mesmo que para isso tenhamos de ser e ter um pouco menos.

Isto é, sermos homens de boa vontade; autenticamente renovadores. Eis o que espero de todos e prometo fazer para estas legiões dos sem-família, dos sem-lar, sem pão, sem abrigo, sem lei, sem amigos, sem nada de nada; mãos dadas convosco, ligando as de todos — para que todos sejamos Homens e Irmãos.

Padre Abraão